



Os *Mucker*: uma releitura psicológica

“O que nos reserva o futuro? Embora nem sempre com a mesma intensidade, esta pergunta preocupou a humanidade em todos os tempos. Historicamente, é sobretudo em épocas profundamente marcadas por dificuldades físicas, políticas, econômicas e espirituais que o ser humano volta seus olhos angustiados para o futuro e se multiplicam então as antecipações, utopias e visões apocalípticas” (Carl Gustav Jung).

INTRODUÇÃO

Nm 1824 imigrantes alemães chegaram ao Brasil. No dia 25 de julho desembarcaram no Rio Grande do Sul – Vale dos Sinos – e fundaram a Colônia Alemã de São Leopoldo, uma extensa região de mata fechada que foi dividida em distritos. O quinto distrito, conhecido pelo mundo luso como Padre Eterno, foi inicialmente nomeado pelos alemães de Leoner-Hof. Mais tarde ficou conhecido como Sapiranga. Somente em dezembro de 1954, emancipou-se, tornando-se município.

Ao norte de Sapiranga encontra-se o Morro do Ferrabraz, hoje patrimônio natural, área especial de interesse histórico e turístico desde 1987, importante centro de práticas de voo livre com asa-delta e *paragliders*. Entretanto nem sempre foi assim.

HELOISA MARA LUCHESI MÓDOLO

**HELOISA MARA
LUCHESI MÓDOLO**
é psicóloga clínica
e mestre em
Ciências da Religião
pela Universidade
Presbiteriana
Mackenzie.

Nos anos de 1872 a 1874, no sopé desse morro, desenrolou-se um curioso e trágico episódio. Curioso pois foi um fenômeno religioso único no Brasil: um movimento messiânico-milenarista, protestante não pentecostal (Queiroz, 1995), que se deu num grupo étnico bem definido, composto por imigrantes alemães, e que foi liderado por uma mulher, Jacobina Mentz Maurer. Trágico pois os colonos envolvidos nesse episódio – e que se tornaram conhecidos como “os *Mucker*”¹ – foram atacados e perseguidos. Alguns foram executados pelo exército imperial e enterrados, todos juntos, numa vala comum, entre estes sua própria líder, Jacobina.

O presente artigo foi extraído da dissertação apresentada no Mestrado em Ciências da Religião², alicerçado nas fontes históricas e antropológicas dos trabalhos acadêmicos de Maria Isaura Pereira de Queiroz (2003), Janaina Amado (2002) e Maria Amélia Schmidt Dickie (1996). Todavia, o que mais interessou no episódio *Mucker* era o aspecto psicológico dos delírios religiosos, pois Jacobina era acometida de crises de ausências que não foram suficientemente esclarecidas e diagnosticadas. Para a análise desse fenômeno psíquico baseamo-nos em conceitos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung³, teoria essa que foi a lente que nos possibilitou fazer a releitura desse fenômeno messiânico-milenarista.

oportunidade de vir para cá, tendo garantida a liberdade religiosa dos não católicos pela Constituição Imperial de 1822 (Dreher, 2003; Schröder, 2003).

Em março de 1824, 43 alemães zarparam do porto de Hamburgo. Na chegada ao Rio de Janeiro, o próprio D. Pedro I e D. Leopoldina foram saudá-los. Os imigrantes chegaram à região de Feitoria no dia 25 de julho de 1824. Ali estavam assentadas famílias açorianas desde 1743, onde funcionara a Real Feitoria do Linho Cânhamo, iniciativa governamental já fracassada. Em 18 de abril de 1824, a colônia foi oficializada, e o antigo nome Feitoria foi substituído pelo de “Colônia Alemã de São Leopoldo”, em homenagem à imperatriz D. Leopoldina. Outros 81 colonos embarcaram em maio, também de Hamburgo, chegando a São Leopoldo a 6 de novembro de 1824 (Schröder, 2003; Amstad, 1999).

Os colonos receberam sua porção de terra, mas de mata fechada, muito diferente das terras boas e cultiváveis que os açorianos haviam recebido. Muitas promessas foram feitas aos colonos, mas poucas cumpridas. Faltavam estradas, pontes, assistência médica, igrejas, escolas, saneamento. Para preencher as lacunas deixadas pelo governo, os imigrantes sentiram-se obrigados a formar associações de vizinhos e construir em sistema de mutirão novos caminhos na mata e benfeitorias comunitárias como escolas e igrejas, além das moradias. O processo de naturalização era complexo e os estrangeiros não se tornavam automaticamente cidadãos brasileiros.

O governo imperial enfrentou muita oposição: dos brasileiros e luso-brasileiros que se sentiam prejudicados, supondo que os colonos alemães pudessem representar um perigo para a sua supremacia política; da aristocracia rural, que, por sua vez, não queria colonos, mas sim mão-de-obra barata para a lavoura; dos políticos, já que as colônias custavam muito caro para os cofres públicos. Pressionado, D. Pedro, apesar de ter incentivado a colonização, passou a vetar os gastos com as colônias (Schröder, 2003; Amstad, 1999).

Os imigrantes alemães da região de São Leopoldo não formavam um todo homo-

RESUMO HISTÓRICO

O êxodo alemão – A colonização de São Leopoldo

No final das Guerras Napoleônicas (1799-1815) a Alemanha estava retalhada e o empobrecimento das áreas rurais levou os colonos a uma emigração em massa.

No Brasil, D. João VI já havia assentado imigrantes colonos católicos provenientes dos Açores. Entretanto, foi através de D. Pedro I que os colonos alemães tiveram a

1 O nome *Mucker* foi possivelmente atribuído ao grupo pelo pastor-colono Frederico Guilherme Boeber, que encabeçou o primeiro abaixo-assinado contra eles. Essa palavra da língua alemã foi usada como sinônimo de “santarrão”, “beato”, “fanático”, “hipócrita” (Amado, 2002).

2 Mestrado realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie sob orientação do prof. dr. João Baptista Borges Pereira e co-orientação do prof. dr. Paulo Afrânio Sant’Anna.

3 Psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica (Kesswil, 1875-Küsnacht, 1961).

gêneo pois vinham de diferentes regiões da Renânia, de Hünsruck, da Mosela e de Hesse. Frequentemente não conseguiam comunicar-se nem entre si, já que falavam dialetos alemães diferentes, e menos ainda com os brasileiros (Amado, 2002).

Dos 124 imigrantes que chegaram à colônia, 108 pertenciam à Igreja Protestante, mas os açorianos que já moravam na região eram católicos. Assim, a identidade religiosa do colono alemão sofreu com a supremacia católica brasileira, apesar da representação ideológica amplamente alardeada de que este é o país da “democracia racial”, fato observado com propriedade por Borges Pereira (2000)⁴.

Os colonos foram abandonados pela Igreja Luterana Alemã e foram guiados por homens sem nenhuma condição de manterem íntegra a identidade religiosa da qual eram herdeiros. Apesar de se constatar uma pluralidade religiosa, observa-se que ela desaparecia à medida que a identidade do grupo na nova terra ia sendo construída, pois os brasileiros associavam a etnicidade dos colonos (alemães) à religião oficial de seu país de origem (luteranismo ou protestantismo), isto é, os alemães foram sendo identificados como luteranos. Observa-se que essa identificação étnico-religiosa partiu também de alguns alemães, pois, segundo Willems (1940, p. 231), “no protestantismo alemão a ideia étnico-nacional está inseparavelmente ligada à ideia religiosa”. Pregava-se a necessidade de manter a unidade étnica e cultural como único meio de preservar o protestantismo, resumido nesse pensamento vigente entre os colonos: “germanismo e protestantismo são um único e mesmo corpo” (Amado, 2002, p. 110).

A família de Jacobina e a história dos Mucker

Entre os que chegaram a São Leopoldo na segunda leva de imigrantes, a 6 de novembro de 1824, estava João Libório Mentz e sua esposa Madalena Ernestina Lips, os avós de Jacobina. Com eles vieram também

seus quatro filhos. Eles eram de Tambach, pequeno povoado da Turíngia, na antiga Saxônia (Domingues, 1977).

Encontramos diferentes dados sobre os antecedentes religiosos dos Mentz na Alemanha. Alguns acreditam que a família pertencia à seita pietista dos Herrnhutter⁵, um movimento liderado pelo conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf⁶. Outros, que eram anabatistas (Amstad, 1999).

Há indícios de que o avô de Jacobina emigrou devido às perseguições que seu grupo religioso sofria, grupo esse que acusava a Igreja Evangélica Luterana de desviar-se dos verdadeiros ensinamentos bíblicos (Amado, 2002).

O filho mais velho, André, pai de Jacobina, morreu a 8 de julho de 1851, com 62 anos. Ele viveu 24 anos com Maria Elizabeth, sem o matrimônio, e tiveram oito filhos. A família Mentz era extremamente religiosa. O livro de instrução era a Bíblia, lida fervorosamente e interpretada pelos pais. Quando pequenos, mesmo mal sabendo balbuciar algumas palavras, os filhos eram levados para a roça pela mãe, que os sentava num tronco de árvore e os ensinava a orar e a decorar longos trechos bíblicos (Philipp, 1966, pp. 160, 161).

Jacobina nasceu em Hamburgo Velho em junho de 1842. Há muita controvérsia sobre o seu estado de saúde. Por ocasião de uma grave enfermidade na adolescência, o médico alemão que a atendeu, o dr. Hillebrand, aconselhou que se arranjasse um casamento para ela o quanto antes.

O escolhido pela família foi o jovem teuto-brasileiro João Jorge Maurer. Eles se casaram em 26 de abril de 1866 e foram morar inicialmente na casa da mãe de Jacobina. João Jorge havia comprado um sítio que se estendia da estrada até o sopé do imenso morro do Ferrabraz, e lá construíram sua casa. Possivelmente depois de um ano mudaram-se para lá (Amado, 2002).

Das muitas versões sobre o episódio Mucker, são frequentes as referências de que tudo começou, despretensiosamente, com João Jorge. Ele era protestante, analfabeto, lavrador e marceneiro de profissão. Em 1868, depois de ter supostamente re-

4 Segundo Borges Pereira a sociedade pluriétnica brasileira, tipologicamente, “foi conceituada como *integracionista* no plano estrutural ou social, *assimilacionista* no plano cultural e *miscigenacionista* no plano biológico”, havendo, nesse tipo de modelo, uma indistigável preocupação em eliminar os “diferentes”. Esse processo de eliminação poderá se dar “através de múltiplos recursos de pressão, que vão desde a coação moral e psicológica até a repressão política e policial”. Segundo ele, “há, incrustrada no modelo pluriétnico brasileiro, uma política de identidade nacional que desestimula e bloqueia eventuais tentativas de preservação de alteridades étnicas ou raciais”. Essa política tem como expectativa um futuro em que o estrangeiro se torne nacional, em que o não branco (amarelo e o negro) se metamorfoseie em branco e o índio em civilizado, todos reduzidos à categoria de brasileiros, desmascarando-se, assim, “os mitos que sustentam as representações democráticas das relações raciais e étnicas do país”. No processo de integração à vida nacional o alemão, do ponto de vista da cor, foi considerado compatível “com os valores de um país que se quer, se diz, se representa branco”. Todavia não ocorreu o mesmo no que diz respeito à cultura, pois o alemão é o não latino, e muito embora existissem entre eles muitos católicos, eram todos considerados como luteranos (Borges Pereira, 2000, pp. 8-10).

5 *Herrnhut* era o nome da propriedade, que queria dizer “Abrigo do Senhor” (Nichols, 1997).

6 Zinzendorf nasceu em 1700 em uma família aristocrática da cidade de Dresden, Alemanha. Dos 10 aos 16 anos morou em Halle, onde recebeu uma educação pietista. Estudou Direito na Universidade de Wittenberg, centro do Luteranismo Ortodoxo. Ingressou no serviço público

cebido um “chamado do Céu”, tornou-se uma espécie de médico, que usava em seus tratamentos algumas plantas medicinais. A excelente fama de João Jorge cresceu e chegou aos confins da província do Rio Grande, de Porto Alegre, e até da distante cidade de Pelotas. Os colonos o chamavam de *Wunderdoktor*, expressão alemã para “médico de milagres”. Os doentes iam até sua casa e muitas vezes ali ficavam hospedados (Amado, 2002; Dickie, 1996).

Após o nascimento do primeiro filho do casal, em 19 de maio de 1867, Jacobina passou a ter estranhos estados de ausência, que foram se prolongando cada vez mais. Nesses momentos de inconsciência, ela não sentia e nem ouvia nada. Mas dizia muitas coisas, fazendo esclarecimentos sobre as doenças e sugerindo remédios caseiros. Apesar de ser analfabeta, começou a ler a Bíblia e a proferir palavras de conforto espiritual para seus familiares e para as pessoas doentes. Eles acreditavam que uma “divindade natural” inspirava as suas palavras e julgavam que suas crises se tratavam de manifestações sobrenaturais. A fama do casal que fazia milagres e curas se espalhou e muitos a eles recorriam em busca de alívio (Noé, 1977).

Nessa mesma época, circulou pela colônia um livrinho sobre sonambulismo, que falava do fenômeno como uma manifestação de forças sobrenaturais, e sugeria que os sonâmbulos tinham poderes de vidência, com capacidade de prever o futuro, podendo inclusive descobrir doenças e curar doentes desenganados pelos médicos, além de auxiliar nas necessidades espirituais. Como todos conheciam bem os estados e consequências dos tranSES de Jacobina, fez-se relação entre o que dizia o livro e o que ocorria com ela. Muitos viram em Jacobina a pessoa retratada no livreto, e esse fato conferiu ainda maior credibilidade às suas revelações (Amado, 2002; Galvão & Rocha, 1996; Schupp, 2000).

Histórias e fábulas sobre os acontecimentos na casa do Ferrabraz se espalharam e passaram a incomodar tanto os colonos, quanto as autoridades, levando-os a reações drásticas e perseguições, que culminaram na

prisão de João Jorge e Jacobina, em operação comandada pelo delegado Schreiner. A partir desse momento há uma grande comoção e conseqüente união do grupo: depois da libertação do casal, o movimento *Mucker* se fortalece como nunca. Jacobina passa a liderar o grupo assumidamente e estabelece regras e normas rígidas para seus seguidores. Ela é considerada por alguns como “o Cristo feminino”. O grupo se afasta da convivência social, deixando de frequentar a igreja, as escolas, e de cumprir seus compromissos civis. Na propriedade do Ferrabraz faziam seus cultos, ensinavam suas crianças e passaram a realizar seus casamentos e enterros ali mesmo. Os ataques dos “anti-*Mucker*” resultaram em reações defensivas por parte dos *Mucker*, agravando os relacionamentos entre os dois grupos e culminando com a interferência do Exército Imperial.

O primeiro combate da infantaria – armada com dois canhões e com cerca de 190 praças – ocorreu no dia 28 de junho de 1874, liderado pelo coronel Genuíno Sampaio. O batalhão avançou, mas não conseguiu se aproximar da casa dos Maurer, pois o terreno era irregular e a mata muito fechada. Os *Mucker*, que se contavam em torno de 150 pessoas, incluindo mulheres e crianças, e conheciam bem o local, revidaram e frustraram esse ataque. A 19 de julho de 1874, o coronel Genuíno liderou novo grupo, agora com 506 homens e quatro canhões, para atacarem aquela que consideravam a “fortaleza do Ferrabraz”, a residência dos Maurer. Dessa vez os soldados entraram na casa e lhe atearam fogo, destruindo-a totalmente. Retiraram 52 pessoas vivas – somente mulheres e crianças – e oito cadáveres. Os cinco filhos mais velhos do casal foram capturados. Alguns *Mucker* fugiram e os líderes refugiaram-se no mato, inclusive a própria Jacobina com seu pequeno bebê, nascido em maio (Amado, 2002). Naquela mesma madrugada, o acampamento militar foi atacado pelos *Mucker* sobreviventes, o coronel Genuíno foi atingido e morreu ao amanhecer. Como consequência do agravamento das relações, novo líder militar, o capitão Dantas, organizou outro ataque, sendo auxiliado pelo ex-*Mucker* Carlos Luppa, que traiu o grupo e

do governo na Saxônia em 1721. Usou seu patrimônio para comprar terras em Berthelsdorf (cerca de 110 quilômetros a leste de Dresden), onde ofereceu refúgio para cristãos perseguidos, provenientes da Morávia (os irmãos moravianos) fundando a comunidade cristã chamada Herrnhut. Em 1727 o conde assumiu a liderança espiritual do grupo.

indicou seu esconderijo. No dia 2 de agosto as tropas cercaram os foragidos e, depois de duas horas de luta, todos foram mortos. Os 16 *Mucker* e Jacobina foram enterrados ali mesmo, no local do combate (Amado, 2002; Domingues, 1977).

A CONSTRUÇÃO PSÍQUICA DO DELÍRIO RELIGIOSO DE JACOBINA E DOS MUCKER

Dentre as inúmeras formas de expressões psíquicas, nos propomos a investigar aquelas que se referem às manifestações psicológicas delirantes de temática religiosa – por isso escolhemos chamá-las de *delírios religiosos*. Eles foram compreendidos como as ocorrências psíquicas que se manifestam num estado alterado de consciência, como nas visões, nos êxtases, nos tranSES, nos estados místicos, no “estar fora de si mesmo”. Não evidenciamos seu possível aspecto psicopatológico, mas sim sua dinâmica psíquica como fenômeno de natureza religiosa.

Assim, durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos indicadores, isto é, elementos na história dos *Mucker* que fossem significativos e que pudessem colaborar para o desenvolvimento de nossa hipótese de que os delírios religiosos poderiam trazer consigo uma *carga arquetípica*⁷ *compensatória*⁸ e *estruturante*⁹ para a psique.

Uma identidade coletiva ameaçada

A partir da análise dos acontecimentos percebemos que não existiria a líder Jacobina sem a participação do grupo *Mucker* e dos seus opositores, o grupo anti-*Mucker*. Houve uma construção psíquica delirante gradual e coletiva desse movimento messiânico-milenarista, construção esta que passamos a analisar.

Os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Brasil se tornaram, ao longo dos anos, gradativamente diferentes dos seus patrícios. Entretanto, foi impossível extirpar de suas almas a sua herança étnica. Os *Mucker* tinham uma alma, uma etnia própria – eram alemães –, uma língua própria – o dialeto alemão *hunsrück* –, uma base teológica – eram protestantes –, uma história própria – uma razão para existirem – que os diferenciaram de outros grupos.

A emigração alemã foi marcada pela desestruturação e pela desorganização social e econômica provocadas pelas Guerras Napoleônicas na Europa. A guerra representa a morte iminente. A Alemanha estava dividida e a identidade do seu povo, ameaçada. Essa perda de identidade cultural refletia sobre o indivíduo alemão. Identidade é aquilo que nos define e nos diferencia. Ameaçada a cultura, o indivíduo é ameaçado. O processo imigratório dos alemães ao Brasil foi frustrante. O processo de construção de sua nova identidade foi muito lento.

Segundo Willems (1946), o espaço de terra é a marca que define o modo de ser, de pensar, de agir e de falar do colono alemão. No Brasil, os imigrantes viveram um longo período de espera, porque o processo de demarcação das terras prometidas a eles pelo governo brasileiro foi muito confuso. Depois vieram as adaptações à nova cultura agrícola: terra, instrumentos, sementes e insumos totalmente diferentes dos que conheciam.

Os alemães vinham de regiões diversas e distintas. Trouxeram seus hábitos, suas características e dialetos, mas aqui se tornaram vizinhos. Esse contato linguístico levou a uma fusão desses dialetos, afastando-os cada vez mais do padrão oficial (Willems, 1940). A educação e a religião, que estavam vinculadas e que são marcas do processo de identidade, sofreram o descaso governamental e eclesial.

Semelhante à cultura das aldeias alemãs, a família foi considerada por muitos autores como sendo a célula social mais importante para os imigrantes de São Leopoldo. Ela proporcionava unidade e identidade, tanto para o indivíduo quanto para o grupo.

7 Essa *carga arquetípica* a que nos referimos diz respeito a uma das principais bases teóricas da psicologia analítica, isto é, o conceito do *inconsciente coletivo* e dos *arquétipos*. Para Jung o inconsciente coletivo repousa sobre uma camada psíquica mais profunda, que não tem sua origem em experiências pessoais, sendo inata e de natureza universal. É no inconsciente coletivo que se encontra a matriz de todas as ocorrências psíquicas. Por não ser de natureza individual, ele possui potencialidades e modos de comportamentos que são idênticos em todos os seres humanos, constituindo assim um substrato psíquico comum, que existe em cada indivíduo, anterior à psique consciente. Da mesma forma que o corpo físico herda possibilidades genéticas vindas de seus ancestrais, o inconsciente coletivo recebe uma carga de possibilidades psíquicas, os arquétipos.

8 No processo psíquico da *compensação*, o inconsciente produz imagens compensatórias que devem ser entendidas pela consciência, assimiladas e integradas ao ego para se tornarem eficazes prevenindo, assim, uma possível perda de equilíbrio, comportando-se como uma espécie de autorregulação do sistema psíquico. “A tarefa fundamental do inconsciente nas pessoas normais consiste em estabelecer uma compensação e um equilíbrio, onde todas as tendências extremistas da consciência são atenuadas e suavizadas pelo impulso inconsciente contrário” (Jung, 1986d, pp. 189, 190).

9 Utilizamos o termo *estruturante* para designar a tentativa psíquica de equilíbrio da psique interna, como um sistema de autorregulação, compreendendo que a chamada situação “equilibrada” é aquela em que a consciência e o inconsciente estão numa relação de confronto e reciprocidade, enquanto é chamada de “desequilibrada” a situação em que uma dessas duas estruturas psíquicas se encontra com a outra numa relação de intenso conflito.

As muitas situações de crise e a ascensão socioeconômica de alguns poucos provocaram a desunião entre os membros das famílias, enfraquecendo-as. O processo de naturalização foi muito demorado e uma nova identidade, a teuto-brasileira, só foi construída ao longo de muitos anos.

Quando localizamos especificamente a família à qual Jacobina pertencia, os Mentz, outros importantes aspectos se apresentam no que diz respeito à identidade e à busca de uma nova terra. O avô de Jacobina empreendeu uma guerra particular contra o liberalismo da Igreja Luterana Alemã e com ela rompeu. O enquistamento em um pequeno grupo religioso, com características de rígido pietismo, resultou em perseguição religiosa, o que, semelhantemente, acontecerá com o grupo *Mucker*. A família Mentz, para manter sua identidade, emigrou para um país que, acreditava, permitiria a liberdade religiosa.

A frágil identidade de Jacobina

A morte dos pais é uma experiência trágica e incompreensível para uma criança. A orfandade ativa psicologicamente um arquétipo, o arquétipo do órfão, provocando reações e sentimentos inconscientes. Observa-se no perfil psicológico deste uma profunda sensação de ausência de valor pessoal, de culpa e uma atração pela morte. Por se sentir abandonado, o órfão consente em ter pena de si mesmo e necessita que os outros o protejam, apegando-se à pessoa que lhe oferece segurança como se sua própria sobrevivência dependesse disso (Rothenberg, 1994).

Jacobina ficou órfã de pai aos 9 anos e, no seu caso, podemos supor que essa morte tenha provocado uma reação inconsciente, a de buscar total apoio e dependência em algum de seus familiares e, talvez, especialmente em sua mãe, Elizabeth.

No que diz respeito à mãe de Jacobina, podemos dizer que a presença dela em sua vida foi extremamente marcante. Segundo Amado (2002, p. 143), “a velha sra. Mentz, uma mulher grande e gorda, analfabeta, era

figura lendária na colônia”, sendo descrita por seus contemporâneos “como pessoa de gênio intempestivo, dada a acessos de cólera, capaz de surrar alguém de quem não gostasse, fosse homem ou mulher”. Há fortes indícios de que Elizabeth, movida por rígidos preceitos religiosos, negligenciou aspectos importantes da vida dos filhos: certa vez, em plena guerra, recusou-se a alimentá-los com comida encontrada casualmente em marmita, justificando que não lhes pertencia. Extremamente rígida, ela impunha severos “exercícios espirituais” aos filhos ainda pequenos, fazendo-os ficar por muito tempo sentados em troncos de árvores, ensinando-os a orar.

Crianças maltratadas assumem que são más e supõem que devam merecer o castigo, por serem ruins, ou por terem feito algo realmente ruim. Os maus-tratos podem ser de ordem física, mas também psicológica, quando a criança sente que suas necessidades e sentimentos não são levados em conta (Bolen, 1993).

Os pais têm importância vital na vida psíquica dos filhos, pois, segundo Jung, “a criança tem uma psique extremamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo no âmbito nebuloso da psique dos pais, do qual só relativamente tarde consegue se libertar”. O estado de identidade que precede à consciência do ego mostra o que a criança é graças a seus pais. Jung afirma que perturbações psíquicas infantis se devem exclusivamente a perturbações no relacionamento dos pais, e que se refletem na psique dos filhos (Jung, 1986a, p. 46).

A escola tem papel muito importante na luta que a criança trava pela independência e individualidade, pois é o primeiro ambiente em que ela se encontra fora dos laços familiares e, assim, pode tornar-se consciente de si própria. Jacobina tinha dificuldades de aprendizagem e deixou de ir à escola. Sua socialização foi absolutamente familiar. Portanto, é possível supor que o desenvolvimento da identidade psíquica de Jacobina foi prejudicado pelo fato de ter continuado na dependência do vínculo familiar. “Alienação muito forte aos pais constitui impedimento direto para a acomodação futura no mundo”



e, nesses casos, a pessoa sem a consciência de si mesma “jamais saberá o que deseja de verdade, mas continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros” (Jung, 1986a, pp. 59, 60).

É na fase da adolescência que se estabelece o ritual de diferenciação entre o ego infantil, ainda sob a guarda dos pais, e o ego adulto. A passagem que marca a adolescência de Jacobina é a de uma grave doença, aos 12 anos, que nunca foi diagnosticada claramente. Essa doença ocorreu poucos anos após a morte do pai. Não há informações sobre o relacionamento entre pai e filha, que papel ele exercia, se de mediador e protetor em face da atitude rígida da esposa. Notamos que esse quadro doentio potencializou a fragilidade de Jacobina e sua dependência familiar foi reforçada.

A prescrição médica para seus males foi o casamento, e o marido foi escolhido entre os empregados do irmão, alguém que “já era da família”. Ao acolher o desejo dos familiares, Jacobina poderia ter inconscientemente encontrado um casamento que mantivesse sua identidade de filha frágil e despotencializada.

Inconscientemente, por trás da escolha do parceiro ou parceira, está a força arquetípica das imagens parentais, pois a primeira

experiência que temos de nós mesmos está relacionada com as figuras da mãe e do pai. Uma criança que teve um relacionamento parental em que o modelo internalizado foi o de despotencialização e impotência poderá, inconscientemente, conspirar contra si mesma e associar-se a alguém que a mantenha nessa condição psíquica. Ela poderá permanecer nesse estado de impotência infantil e reagir estrategicamente de duas formas inconscientes: ou exercendo poder sobre o outro, para controlar as situações e evitar assim que se repitam os sofrimentos e medos que sentiu na infância; ou se submetendo a ele, anulando-se e sentindo-se responsável pelo bem-estar do outro, mas esperando a retribuição de seu comprometimento e submissão (Hollis, 2002).

A indicação de um casamento como remédio para os males de Jacobina levou vários autores ao suposto diagnóstico de histeria. Há uma tradição de quatro mil anos que considera a histeria como a doença do útero. Documentos egípcios que datam de 1900 a.C. descrevem uma doença feminina causada por “fome do útero”. Os gregos a aceitaram e batizaram-na com o nome de *hysteria*, que significa útero (Schapira, 1991).

Na Antiguidade a histeria estava ligada a um desequilíbrio orgânico, entretanto, com a ascensão do cristianismo, certos instintos naturais – como a sexualidade – passaram a ser associados ao demônio, culminando, na Idade Média, com a caça às bruxas. No século XVII a sede do problema da histeria foi transferida do útero para o cérebro, culminando nos estudos de Charcot e Freud¹⁰ (Schapira, 1991).

Os sintomas histéricos podem expressar inconscientemente o que foi pessoalmente reprimido. Observa-se que a mãe da histerica tende a ser uma mulher narcisista, com pouca afinidade em relação à sua própria feminilidade, exigente e incapaz de proporcionar um ambiente acolhedor às necessidades dos filhos. Para a criança fica a impressão de que só adquirirá identidade própria se corresponder às expectativas da mãe (Schapira, 1991).

Após o nascimento de seu primogênito, Jacobina sofreu sua primeira crise

Psiquê em detalhe de afresco de Rafael

¹⁰ Jean-Martin Charcot (Paris, 1825-Morvan, 1893), médico e cientista francês, foi um dos fundadores da neurologia moderna, alcançou fama no terreno da psiquiatria na segunda metade do século XIX. Estudantes vinham de todas as partes do mundo para ter aulas com ele em Paris, inclusive Sigmund Schlomo Freud, mais conhecido por Sigmund Freud (Freiberg, atual Pibor, 1856-Londres, 1939), fundador da psicanálise.

de ausência. Possivelmente ocorreu uma psicose puerperal. A gravidez é uma experiência única e profunda: além do estado de fusão do corpo da mãe com o da criança, há também uma fusão psíquica entre eles. Podemos imaginar o que essa fusão deve ter representado para uma frágil psique como a de Jacobina, que já se mostrava tão permeável à influência dos outros. O sucesso do processo de imigração dependia da procriação para garantir sua continuidade. A taxa de natalidade no início da colonização foi espantosamente alta. Era o desejo do coletivo, e todas as mulheres acolhiam essa necessidade, inclusive Jacobina, que teve seis filhos. Não havia alternativa para ela. Jacobina identificou-se com o ego ideal da boa mulher a partir da imagem que sua família e cultura projetavam.

Jacobina e sua nova identidade: a “curadora”

Pouco tempo após o casamento com Jacobina, João Jorge mudou de profissão e se tornou um *Wunderdoktor*, o “médico de milagres”. Com a nova atividade do esposo, Jacobina começou a cuidar também dos doentes, mostrando-se cada vez mais participativa e, durante as suas crises de ausência, passou a diagnosticar doenças e a indicar remédios. Ela encontrou um novo sentido para sua vida e uma nova identidade foi se delineando: a de “curadora”.

Nos aspectos psíquicos que envolvem os processos de cura, deve surgir uma relação intrapsíquica entre o paciente e o médico. Uma pessoa doente procura um médico externo. Porém, segundo Guggenbühl-Graig (1978), nessa pessoa é ativado um “fator curador” interno, uma espécie de “médico dentro do paciente”. Por sua vez, no médico será ativado um “fator intrapsíquico doente”, o arquétipo do “médico-ferido”, representado por Guggenbühl-Graig na figura mitológica do centauro Quíron, que, apesar de ser mestre na arte da cura, tinha uma ferida incurável. Essa “ferida psíquica” promoveria ao médico a aproximação e a empatia psíquica neces-

sárias para com o doente que o procura. O processo de cura poderia ser resumido na ativação do médico dentro do paciente e na ativação do paciente dentro do médico.

O arquétipo do “médico-ferido” é ativado em Jacobina e, assim, ela vai gradativamente tomando o papel daquela que cura, descobrindo nova identidade. As crises de Jacobina, seus estranhos e prolongados estados fora de consciência, foram deixando de ser doença para serem aceitos como bônus.

Inicialmente os encontros na casa dos Maurer eram de âmbito familiar, mas, com a crescente fama do casal, pessoas estranhas ao convívio da família passaram a frequentá-los. É dessa forma que Jacobina entra em contato com o mundo externo. Com a projeção coletiva de que Jacobina seria como a sonâmbula do livreto que circulara pela região, o mundo externo atribuiu a ela uma nova identidade, a de “médica”, identidade, portanto, devidamente autorizada pelo coletivo.

A arte médica das sociedades antigas é sabidamente essencialmente mágica. Na medicina sacerdotal grega, que coexistiu com a medicina laica, o fato pode bem ser representado pela pitonisa do Oráculo de Delfos.

Os gregos relacionavam Delfos com o útero, *delphys* (delfuj), a cavidade misteriosa para onde descia a Pítia, para tocar o *omphalós* (omfalój) antes de responder às perguntas. Delfos era reverenciado por todo o mundo grego como o *omphalós*, o umbigo do mundo, o centro do universo (Brandão, 2002). O símbolo desse centro corresponde a um *centro mítico*, e é pelo centro que o divino se manifesta. Nesse “espaço sagrado” se recriará o momento da criação do mundo, o momento da ordem contra o caos, estabelecendo a ordem cósmica. Observa-se o arquétipo do centro em inúmeras culturas e em diferentes representações simbólicas, como uma montanha, uma colina, uma pedra, uma árvore (Eliade, 2002). Podemos dizer que Jacobina exercia função semelhante à que a Pítia tinha no Oráculo de Delfos. A Pítia era incumbida de proferir os oráculos do deus Apolo. Ele falava através dela, da mesma forma que

a “divindade natural” tomava o espírito de Jacobina e a orientava.

Além de prescrever remédios e “efetuar curas” ensinadas pela “divindade natural”, Jacobina começou a fazer exegeses sobre textos bíblicos. De uma atitude passiva no início, assume atitude ativa, liderando espiritualmente todo o grupo. A casa de Jacobina, no morro do Ferrabraz, torna-se um espaço sacralizado, um centro, o *omphalós*. Recria-se uma nova ordem, um novo cosmos.

JACOBINA E O GRUPO MUCKER – FUSÃO DE IDENTIDADES

Em sua trajetória particular, individual, Jacobina não vivenciou a separação da figura materna, o que poderia ter lhe garantido uma identidade pessoal. Foi na sua trajetória com o coletivo que uma identidade única e inconfundível lhe foi sendo atribuída, até definir-se completamente: ela será vista como o Cristo pelos seus seguidores, como alguém que trazia a mensagem direta de Deus. Concomitantemente, forja-se uma identidade também para o grupo dos seus adeptos, um nome, que lhes atribuirá um “papel social”: os *Mucker*.

Jacobina define um padrão de comportamento e de uma nova ética de vida para os seus seguidores. A partir de então, ser chamado de *Mucker* implicava ter uma identidade muito bem-definida, vinculada à pessoa de Jacobina, o que significa que houve, de fato, fusão de identidades entre Jacobina e os *Mucker*.

Curiosamente, como já se disse, o nome *Mucker* foi determinado por um alguém contrário ao grupo. A construção da identidade *Mucker*, assim, teve a participação efetiva de um grupo opositor: os anti-*Mucker*.

Segundo Amado (2002), os movimentos messiânicos de cunho milenarista dividem o mundo entre os puros e os impuros, entre os salvos e os condenados, entre o povo de Deus e o povo sem Deus. Tal dualismo é fundamental para a sustentação da crença de que somente alguns serão escolhidos.

A construção do mito Jacobina se dá num processo coletivo no qual os dois lados têm igual importância: Jacobina era tanto uma boa mãe, quanto a mulher desnaturada, aquela que, como especulavam alguns, mandou matar sua própria filha; ela é tanto reconhecida como “o Cristo” pelos *Mucker*, quanto como “o Demônio” pelos anti-*Mucker*.

Os ataques hostis e as perseguições começaram por parte do grupo anti-*Mucker*. Os *Mucker* defenderam-se, reagindo com atitudes agressivas, culminando em ações cada vez mais violentas por ambos os grupos. Segundo Girard (1990, p. 107), “o mecanismo da violência coletiva pode ser descrito como um círculo vicioso; uma vez que a comunidade aí penetra, é impossível sair”. Ele aponta um aspecto interessante no processo da violência coletiva: o surgimento da “vítima expiatória”. Ele defende que, havendo discórdia entre os homens, todos os ódios divergentes irão convergir para um indivíduo único: a vítima expiatória, “que reúne em si os mais maléficos e benéficos aspectos da violência”. A violência exercida contra ela tem, como objetivo, o retorno da ordem e da paz. No momento da crise, a violência recíproca transforma-se em unanimidade pacificadora, pois, destruindo a vítima expiatória, os homens acreditarão poder livrar-se do seu mal (Girard, 1990, p. 112).

Jacobina, que era considerada por seus opositores a principal responsável por suas desgraças, tornou-se a “vítima expiatória”.

JACOBINA, OS MUCKER E O MOVIMENTO MESSIÂNICO- MILENARISTA: A EXPLOÇÃO DO DELÍRIO RELIGIOSO

Segundo Amado (2002), com as pregações milenaristas formulam-se concomitantemente duas noções de tempo: uma história real e outra mítica. É exatamente nessa confusão – ou fusão – entre o que é real e irreal que encontramos indicadores

da expressão máxima do delírio de Jacobina e dos *Mucker*.

Observamos nos delírios religiosos de Jacobina e dos *Mucker* dois aspectos psicopatológicos apontados por Hillman (1993): o literalismo e o universalismo. No literalismo há, por parte do indivíduo, uma interpretação incorreta da “revelação”: o discurso do espírito torna-se psiquiatricamente delirante quando ouvido como uma verdade, uma ordem, uma missão ou até mesmo como uma profecia. Na universalização da própria experiência, o indivíduo comete um engano referente a si próprio: seus próprios delírios atestam que eles não são meramente pessoas e que os corpos são encarnações. Os *Mucker* tomaram a experiência ao pé da letra, interpretando os acontecimentos como uma missão, levando-os a uma batalha espiritual. O ego frágil de Jacobina identificou-se com a divindade, resultando num conflito intrapsíquico intenso e desastroso: a assimilação do ego pelo *self*.

Para a psicologia analítica, o *self*, ou o arquétipo do si-mesmo, é o centro regulador da energia psíquica buscando uma melhor adaptação à realidade. É uma espécie de organizador de todos os aspectos da personalidade, tanto dos conteúdos inconscientes, quanto dos conscientes. Ao nascermos, o eu consciente (o ego) está indiferenciado e subordinado ao *self*, num estado de fusão com o inconsciente. Um relacionamento entre essas partes vai se formando e desenvolvendo um sentido de independência do ego em relação ao *self*. Contudo, quanto mais conteúdos inconscientes forem assimilados pelo ego, e quanto mais significativos eles forem, mais o ego se identificará com o *self*, o que inevitavelmente gerará uma inflação egoica (Jung, 1986b).

Essa inflação do ego já era temida pelos gregos, que definiam esse estado como uma possessão da *Hybris*, a personificação da arrogância e da insolência. Nesses casos há uma situação de autovalorização extrema, arrogante e desmedida, quando um ser humano desrespeita e transcende os limites humanos, acreditando ou imaginando-se divino. A “*Hybris* representa a arrogância

humana que se apropria daquilo que pertence aos deuses”, num oposto a *Aidos*, considerada a personificação da reverência (Edinger, 1992, p. 57).

O ego (o eu consciente) identificado com o *self* acredita ser uma divindade, e muitas psicoses ilustram essa identificação. Segundo Jung, a diferença fundamental que existe entre a neurose e a psicose reside no fato de a neurose preservar a unidade potencial da personalidade, que poderá ser reconstituída, apesar da fragmentação da consciência. O delírio pode retornar ao controle da consciência (do ego) a qualquer momento, restabelecendo o equilíbrio da psique. Entretanto, em alguns casos de psicose, esse reequilíbrio psíquico é mais difícil, pois a ligação entre o ego e os demais complexos encontra-se rompida. Tanto nas neuroses quanto nas psicoses, observa-se um “*abaissement du niveau mental*”¹¹, que pode ocorrer por vários motivos: fadiga excessiva, sono anormal, êxtase, febre, anemia, experiências emocionais fortes, choque, doenças orgânicas no sistema nervoso central ou também por psicologia de massa mentalmente primitiva, como no fanatismo religioso e político, além de fatores constitutivos e hereditários (Jung, 1986b).

O *abaissement* pode provocar a fragmentação da personalidade, o caos psíquico: uma cisão entre a consciência e o inconsciente. Eliade (2001, p. 159) compreende que “o ‘caos psíquico’ é o sinal de que o homem profano se encontra prestes a ‘dissolver-se’ e que uma nova personalidade está prestes a nascer”. Nesse estado de indiferenciação, às vezes, ocorre uma identificação com imagens arquetípicas heroicas e sagradas. Essa identificação surge pelo fascínio que as imagens arquetípicas provocam, pois dão a sensação de serem divinas, numinosas¹², mágicas, sagradas e por isso carregadas de um poder cósmico (Downing, 1998).

Segundo Edinger (1992, p. 34), “uma delusão¹³ comum entre os insanos que consideram a si mesmos como Cristo ou Napoleão é melhor explicada como uma regressão ao estado infantil original em que há uma identificação entre o ego e o si-mesmo (*self*)”.

11 “Abaixamento do nível mental” é uma expressão introduzida na psiquiatria por Pierre Janet (1859-1947).

12 “Numinoso” é um termo cunhado pelo teólogo alemão Rudolfo Otto (1985).

13 Em psicopatologia: delírio.

O grupo *Mucker* identifica em Jacobina o Cristo. O ego de Jacobina, estando totalmente identificado como *self*, percebe-se também como divindade. Todo esse complexo processo psíquico nos leva a concluir que os delírios de Jacobina e dos *Mucker* têm sua identidade definida como fundamentalmente religiosa, com características messiânicas e milenaristas.

Tipologia do messianismo

Mendonça (2003), utilizando-se da teoria fenomenológica dos “círculos concêntricos” de Friedrich Heiler (1892-1967), explica como se dá o processo religioso: no círculo exterior se revela parcialmente o “objeto” sagrado, e as suas manifestações no mundo, percebidas pelos sentidos através das instituições religiosas visíveis como os templos, ritos e objetos sagrados. No círculo intermediário é onde se encontra o mundo das ideias e das concepções religiosas, onde se sistematiza a experiência religiosa através das leis e dos dogmas. No círculo central é onde se manifesta em plenitude o “objeto” da religião, o sagrado, o *deus revelatus* ou o *deus absconditus*. Mendonça (2003, p. 94) explica que:

“Enquanto se permanece neste círculo não há nenhuma religião, pois que ele constitui o espaço da pura contemplação individual. Mas, se da pura contemplação o sujeito da experiência com o sagrado partir para a comunicação da sua experiência (revelação), organizando-a em preceitos e doutrinas, e com seu carisma juntar adeptos, temos o início da organização de uma religião. Na medida em que o número de adeptos aumenta pode surgir uma organização burocrática substituindo a liderança carismática original, assim como a criação de uma ética distintiva do novo grupo religioso. Essa ética distinta permite que o grupo se expresse socialmente através de vários canais como no trabalho, na família, na economia, na política, etc. Pode, entretanto, esse grupo fechar-se em si mesmo, promovendo uma inversão no direcionamento da religião, fundando seitas extramundanas”.

A partir dessa premissa, podemos considerar que Jacobina, nos seus estados alterados de consciência, vivia a intensidade e a plenitude do contato com o sagrado, o *deus revelatus*, o *deus absconditus* – e permanecia no círculo central. Enquanto ali permaneceu, numa “contemplação individual”, não se estabeleceu nenhum tipo de organização religiosa à sua volta.

Contudo, a partir do momento em que ela expressou às pessoas sua experiência espiritual e com seu carisma atraiu mais adeptos, uma nova organização espiritual surgiu, os *Mucker*. Ela sistematizou a experiência religiosa através de leis e dogmas, movendo-se para o círculo intermediário. Jacobina e o grupo *Mucker* se estabelecem, criando uma ética distinta, com comportamentos espirituais e sociais próprios, num espaço físico específico, a casa do Ferrabraz, mas “fecharam-se em si mesmos”. A intolerância das instituições religiosas estabelecidas impediu que o novo grupo se expressasse socialmente. De acordo com Mendonça (2003), muitas vezes o resultado dessa intolerância poderá ser a fundação de novas seitas e, em outros casos, a origem de tragédias, como ocorreu com os *Mucker* e com outros grupos semelhantes.

Estudos etnológicos demonstraram a presença de movimentos messiânicos e milenaristas em várias civilizações, culturas, sociedades religiosas ou políticas. Desroche (2000, p. 61) sugere que esse “é um fenômeno humano, recorrente quando determinadas circunstâncias históricas constituem-se em meio para a irrupção de uma ou outra de suas combinações possíveis”. Para ele, “esses fenômenos acabam *se encontrando* de algum modo, *a posteriori*”, e “ao se encontrarem uns nos outros e uns com os outros, eles encontram igualmente uma matriz comum, e *tudo acontece como se essa matriz tivesse solicitado esses fenômenos*”.

Compreendemos que isso não acontece “como se” essa matriz tivesse solicitado tais fenômenos, mas, sim, há uma dinâmica inconsciente que possibilita a “aparição” desses fenômenos. Essa matriz comum, a que Desroche se refere, é compreendida pela psicologia analítica como o inconsciente

coletivo, e nele se encontram os arquétipos que podem ser “constelados”¹⁴ em lugares diferentes e culturas distintas.

A partir da tipologia do messianismo, desenvolvida por Desroche, podemos identificar as semelhanças nos episódios messiânicos e milenaristas, inclusive no movimento *Mucker* que aqui estudamos.

No que se refere à tipologia dos personagens messiânicos, Desroche considera que geralmente o tipo “pretendente a messias” reivindica um vínculo nativo com Deus ou, ainda, na figura do próprio Deus *redivivus*. Nesses casos tal pretensão acompanha uma certa autodeificação que poderá ser progressiva, pois pouco a pouco a consciência de missão daquele que já é um mensageiro, um enviado ou um profeta divino, vai gradativamente se metamorfoseando em consciência da messianidade (Desroche, 2000).

No caso do tipo “messias pretendido”, tal título lhe é atribuído ou pelo círculo de convivência, ou pela posteridade de seus discípulos. Ele mesmo não reivindica o título de messias. Especificamente nesse caso “a consciência coletiva precede e catalisa a pretensão da consciência individual à messianidade. O indivíduo é messias *pretendido* antes de se tornar messias *pretendente*”, observando-se que “com o tempo a pretensão messiânica é partilhada, pois a atribuição coletiva é individualmente sancionada pelo personagem” (Desroche, 2000, pp. 32, 33).

Um dos aspectos constantes e frequentes no messianismo é aquele em que “o personagem messiânico só se deixa definir e designar em presença do antipersonagem ou anti-Messias (anticristo) ou na iminência e na superabundância dos eventos constituídos de um antítipo do reino messiânico” (Desroche, 2000, p. 33).

Para Desroche, o movimento messiânico é dominado por projetos de reforma religiosa ou cultural, acompanhados de greve sociorreligiosa contra o mundo estabelecido. Observa-se, no mínimo, uma greve aos cultos dominantes e, no extremo, a venda de todos os bens e a rejeição do trabalho. Com frequência optam por uma vida “fora do mundo” através da criação de grupos clandestinos, ri-

gidamente fechados, com algumas intenções conspiratórias, e muitas das revoltas sociais e lutas pela independência nacional oferecem uma fabulação messiânica. Concebe-se o novo reino como aquele em que não haverá mais diferenças (Desroche, 2000).

Alguns grupos messiânicos optam por uma atitude não violenta e, segundo Desroche, a principal arma da tradição não violenta é a não cooperação, percebida na recusa do manuseio do dinheiro, do comércio, da medicina, da produção industrial. Também se observa a não cooperação pelo afastamento das cidades, do culto eclesiástico, na rejeição do casamento, na abolição do álcool e do fumo. Observa-se também a rejeição da autoridade dos tribunais, do serviço militar, do imposto, do eleitorado ou da elegibilidade (Desroche, 2000).

Apartir dessa tipologia observamos que, no caso *Mucker*, Jacobina se enquadra no tipo que, estando historicamente presente, é “messias pretendido” antes de pretender sê-lo, pois, através das projeções coletivas, foi levada a isso. O reinado messiânico observado no fenômeno *Mucker* culminou numa greve sociorreligiosa contra os líderes eclesiásticos e políticos de São Leopoldo, num afastamento radical das escolas e igrejas, optando por viverem num mundo fechado, onde homens e mulheres compartilhavam dos mesmos direitos e deveres e primavam por um comportamento cristão rígido e legalista. A reunião em torno daquela que alguns consideravam como “o Cristo feminino” provocou reação da comunidade e das autoridades, resultando na transformação do grupo *Mucker* em um micromilenarismo. No momento em que Jacobina é identificada com Cristo, também um anticristo surge na figura do delegado Schreiner, que os perseguiu e os prendeu. Como resposta aos ataques e acreditando na iminência do fim do mundo, num contexto milenarista claro, o grupo declarou guerra aos inimigos. A não cooperação foi observada no fenômeno *Mucker* pelo afastamento de seus integrantes da cidade, escolas e igrejas, na rejeição à participação nas eleições e na recusa de manter vínculos comerciais. A transformação ocorrida

14 O termo “constelar” é usado na psicologia analítica para indicar a ativação de um arquétipo, seja em uma pessoa ou situação coletiva.

durante o período de dezembro de 1873 até agosto 1874 provocou a mudança na atitude do grupo, que reagiu aos ataques até seu total aniquilamento.

OS DELÍRIOS RELIGIOSOS COMO POSSIBILIDADE DE ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA

A atividade delirante compreendida à luz da psicologia analítica é um movimento psíquico compensatório. No caso de Jacobina e dos *Mucker*, a atividade delirante estava associada a uma situação de desestruturação vivida desde o início da imigração. Essa situação de desordem representou uma ameaça à condição vital de estabilidade psíquica, pois houve um rompimento com o passado, com sua cultura, e consequente ameaça à identidade, tanto a individual quanto a coletiva.

Aqueles colonos alemães se encontravam em uma situação caótica no que diz respeito às condições socioculturais, econômicas, religiosas e educacionais. Os *Mucker*, que em sua grande maioria eram luteranos, primavam por um comportamento de retidão espiritual baseado em reais ou supostos princípios bíblicos que, interpretados por Jacobina, foram se tornando mais e mais rígidos e normativos. As crises de Jacobina se iniciaram na puberdade, mas a atividade delirante de caráter religioso se apresentou na fase adulta, dentro de uma dinâmica psíquica coletiva. Essa dinâmica psíquica coletiva promoveu o surgimento de um surto messiânico-milenarista, pois os colonos *Mucker* encontraram em Jacobina o receptáculo de suas esperanças espirituais e também uma liderança que consideravam firme e divina. Canalizando para Jacobina todo o desejo de uma liderança segura, o grupo encontrou nos transes espirituais de sua líder a mensagem que acreditavam proceder diretamente de Deus, proporcionando-lhes uma estabilidade e um equilíbrio para suportarem aquela situação caótica,

projetando no futuro uma vida espiritual supostamente perfeita.

Por sua vez, Jacobina, acolhendo a projeção do “arquetipo do Messias” ou “do Salvador”, identificou-se com o sagrado e se tornou uma líder absoluta. Essa identificação com a divindade, num estado de inflação egoica, demonstrada através de sua atitude delirante, talvez tenha tido um efeito psicológico compensatório estruturante, tanto para ela quanto para o grupo, frente àquela situação de crise.

Segundo Sant’Anna (2001, pp. 81, 82), “ao longo do seu desenvolvimento, a percepção do ego evolui para uma posição intermediária entre o que vem de dentro e o que vem de fora”, tornando-se gradativamente “um sistema de registro entre o mundo interior e exterior”. À medida que se estabelecem essas polaridades, “o movimento compensatório gera tensões entre os impulsos inconscientes e conscientes que são experienciados pelo ego com temor de dissolução”. Entretanto, “passando o confronto e vencidos os temores, cresce a capacidade de controle e autopreservação do ego, que, por sua vez, desencadeia novos movimentos compensatórios sempre em busca de realização de totalidades mais amplas e complexas”, o que possibilita “o crescimento progressivo do mundo experimentado e experimentável”.

Nos primórdios das reuniões na casa de Jacobina não havia pregação com conotação messiânica; nem suas intenções eram agressivas. Mas, apesar de basear-se nos mesmos ensinamentos bíblicos que inicialmente a mobilizaram para ajudar os doentes e necessitados, isto é, a fazer o bem, na fase final do processo Jacobina liderou um movimento de lutas, ataques e mortes aos que incitaram o grupo e aos que ela considerava como inimigos de Deus. Os *Mucker* compreendiam a si mesmos como portadores do progresso, da luz, da verdade, e acreditavam que só eliminando seus opositores seria possível instalar essa nova ordem, mesmo que pela força. Essa atitude psíquica polar, oposta à identificação de bondade e amor, era por eles justificada na medida em que compreendiam que estavam obedecendo a Deus, que se pronunciava por meio de Jacobina.

Para a teologia, a religião trata de unir o homem a Deus, mas, do ponto de vista psicológico, podemos dizer que se trata de religar o homem ao seu centro psíquico, o *self*. Segundo Bonaventure (1975, p. 189), “todo propósito de vida mística consiste em restaurar a *Imago Dei* na totalidade do seu ser”, e essa experiência religiosa “leva o homem a restabelecer uma relação viva com seu próprio centro divino”. O instinto religioso é uma dinâmica inerente à psique, compreendendo-se assim que “todo homem é, por natureza, *homo religiosus*”. O *self*, enquanto imagem de Deus no homem, é a expressão das possibilidades de vida espiritual que existem no ser humano, e o seu papel é o de dar um sentido à sua vida, de modo que alcance a plenitude de sua existência pessoal. “As visões, assim como todos os outros fenômenos ditos sobrenaturais, tais como palavras, sonhos, êxtase, arrebatamentos e sentimento da presença de Deus são manifestações metafóricas da vida do centro da alma”. Todos esses fenômenos “têm como única função a reintegração do centro na totalidade do ser humano, corpo, alma e espírito, e a imposição de uma direção que confere mais energia ao eu” (Bonaventure, 1975, pp. 189-200).

A partir das investigações sobre o fenômeno Jacobina e dos *Mucker*, podemos considerar que alguns delírios psíquicos de natureza religiosa são uma resposta psíquica estruturante, trazendo em si possibilidades normativas de organização, equilíbrio e com-

pensação, compartilhadas tanto pelo grupo quanto pela pessoa que os vivencia.

Nos grupos messiânico-milenaristas observamos uma insatisfação com a situação em que se encontram, em relação ao mundo em que vivem, havendo uma ansiedade por mudanças. A esperança, nesses grupos, baseia-se na vinda de um herói ou messias que virá resgatá-los dessa condição de descontentamento. O mito do combate entre o bem e o mal, liderado por um guerreiro divino, que vence o caos e estabelece a ordem no mundo, está presente nas culturas mais antigas e primitivas, repletas de histórias de heróis-messias (Cohn, 2001). Como modelo, os cristãos têm em Cristo o herói que sofreu para salvar a humanidade e que voltará para combater o mal e resgatar os escolhidos para levá-los à terra prometida. Assim, de tempos em tempos, nos mais diversos lugares, surgem líderes que, em nome dele, ou imaginando-se ele, almejam cumprir essa missão.

Se voltarmos aos argumentos de Eliade (2001), de que o momento religioso implica o momento cosmogônico, e que ao recriar o momento da criação do mundo se estabelece a ordem cósmica, podemos supor que os delírios religiosos de Jacobina tiveram efeito de ordenação do caos. Os *Mucker*, ao se depararem com a possibilidade de um fim definitivo para o grupo, recriaram, através da morte, o “nascer de novo” para uma nova vida, projetando para o novo milênio a expectativa de uma nova ordem.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Janaína. *A Revolta dos Mucker*. São Leopoldo, Unisinos, 2002.
- AMSTAD, Teodor e colaboradores. *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924*. Tradução Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo, Unisinos, 1999.
- BOLEN, Jean Shinoda. *O Anel do Poder. A Criança Abandonada, o Pai Autoritário e o Feminino Subjugado*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- BONAVENTURE, Leon. *Psicologia e Vida Mística: Contribuição para uma Psicologia Cristã*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- BORGES PEREIRA, João Baptista. “Os Imigrantes na Construção Histórica da Pluralidade Étnica Brasileira”, in *Revista USP*, n. 46. São Paulo, CCS-USP, junho-agosto/2000.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. 2. São Paulo, Vozes, 2002.

- COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: as Origens das Crenças no Apocalipse*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- DESROCHE, Henri. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. São Bernardo do Campo, Umesp, 2000.
- DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e Circunstâncias: um Estudo sobre os Mucker e seu Tempo*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo, FFLCH-USP, 1996.
- DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Mucker*. São Leopoldo, Rotermund, 1977.
- DOWNING, Christine. *Espelhos do Self*. São Paulo, Cultrix, 1998.
- DREHER, Martin Norbert. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo, Sinodal, 2003.
- EDINGER, Edward. *Ego e Arquétipo*. São Paulo, Cultrix, 1992.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-religioso*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- _____. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- GALVÃO, Antonio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker, Fanáticos ou Vítimas*. Porto Alegre, Edições EST, 1996.
- GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.
- GUGGENBÜHL-GRAIG, Adolf. *O Abuso do Poder na Psicoterapia e na Medicina, Serviço Social, Sacerdócio e Magistério*. São Paulo, Achiamé, 1978.
- HILLMAN, James. *Paranóia*. Petrópolis, Vozes, 1993.
- HOLLIS, James. *O Projeto Éden: a Busca do Outro Mágico*. São Paulo, Paulus, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. *O Desenvolvimento da Personalidade*. Petrópolis, Vozes, 1986a.
- _____. *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis, Vozes, 1986b.
- LUCHESE MÓDOLO, Heloisa Mara. *Delírios Religiosos e Estruturação Psíquica: o Caso Jacobina Mentz Maurer e o Episódio Mucker – Uma Releitura Fundamentada na Psicologia Analítica*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. "A Persistência do Método Fenomenológico na Sociologia da Religião: uma Aproximação sob o Prisma da Essência e da Forma", in Luís H. Dreher (org.). *A Essência Manifesta. A Fenomenologia nos Estudos Interdisciplinares da Religião*. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2003.
- NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1997.
- NOÉ, Miguel. "História do Ano de 1874", in Moacyr Domingues. *A Nova Face dos Mucker*. São Leopoldo, Rotermund, 1977, pp. 383-98.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1985.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Alfa-Ômega, 2003.
- PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os Mucker*. 2ª ed. São Leopoldo, Rotermund, 1966.
- PHILIPP, Arno. "Uma Contribuição para o Estudo do Episódio dos Mucker", in Leopoldo Petry. *O Episódio do Ferrabraz: os Mucker*. 2ª ed. São Leopoldo, Rotermund, 1966, pp. 157-65.
- QUEIROZ, Renato da Silva. *O Caminho do Paraíso. O Surto Messiânico-milenarista do Catulé*. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1995.
- ROTHENBERG, Rose-Emily. "O Arquétipo do Órfão", in Jeremiah Abrams (org.). *O Reencontro da Criança Interior*. São Paulo, Cultrix, 1994, pp. 87-96.
- SANT'ANNA, Paulo Afrânio. *As Imagens no Contexto Clínico de Abordagem Junguiana: uma Interlocução entre Teoria e Prática*. Tese de doutorado. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 2001.
- SCHAPIRA, Laurie Layton. *O Complexo de Cassandra. Vivendo em Descrédito. A Histeria numa Perspectiva Moderna*. São Paulo, Cultrix, 1991.
- SCHRÖDER, Ferdinand. *A Imigração Alemã para o Sul do Brasil até 1859 (Tese Defendida em Berlim, 1931)*. São Leopoldo, Unisinos/EDIPUCRS, 2003.
- SCHUPP, Ambrosio. *Os Mucker: a Tragédia Histórica do Ferrabrás*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 2000.
- WILLEMS, Emilio. *Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1946.
- _____. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil. Estudo Sociológico dos Imigrantes Germânicos e Seus Descendentes*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre, Nacional, 1940.